



10

ESPÉCIES AMEAÇADAS

DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

inea Instituto Estadual
do Ambiente

SEAS Sistema Estadual
de Avaliação de Impacto Ambiental

**SECRETARIA DE AMBIENTE
DO RIO DE JANEIRO**

Governo do Estado do Rio de Janeiro

**Secretaria de Estado do Ambiente
e Sustentabilidade (SEAS)**

Instituto Estadual do Ambiente (INEA)

**Direitos desta edição do Instituto
Estadual do Ambiente (Inea)**

Avenida Venezuela, 110 - Saúde
CEP: 20081-312 - Rio de Janeiro - RJ

Qualquer parte desta publicação pode ser
reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em:

www.inea.rj.gou.br > Publicações

>Publicações Inea > Cartilhas e Manuais

Produção editorial

Gerência de Publicações e Acervo Técnico
(Gepat/Digges)

Projeto Gráfico e Ilustrações

Taís Fernandes

Supervisão técnica:

João Rafael Marins (Dibape)

10

ESPÉCIES AMEAÇADAS

DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



APRESENTAÇÃO

Tudo que existe na Terra e não foi construído pelo homem – árvores, animais, montanhas, rios, oceanos etc. – integra a natureza, ajudando a dar forma ao mundo em que vivemos. A diversidade de seres vivos e a variedade de materiais, substâncias e elementos espalhados pelo globo são tão grandes que é praticamente impossível dimensionar a riqueza do nosso planeta.

Por mais que os cientistas tenham encontrado e identificado inúmeros animais, plantas e seres microscópicos, ainda há muito o que aprender e descobrir. Da mesma maneira, é preciso muita pesquisa para saber se uma espécie de animal ou planta está ameaçada de extinção e que fatores e atividades humanas colocam em risco a sua sobrevivência.

Aqui você vai encontrar dez animais nativos da Mata Atlântica fluminense que correm risco de extinção, uns mais, outros menos. Só nós, seres humanos, podemos impedir o fim dessas espécies. Por isto, junte a família e os amigos para que, brincando, todos se unam à luta pela conservação do meio ambiente e pela preservação da natureza. E tenha sempre em mente: conhecer é uma maneira de proteger.

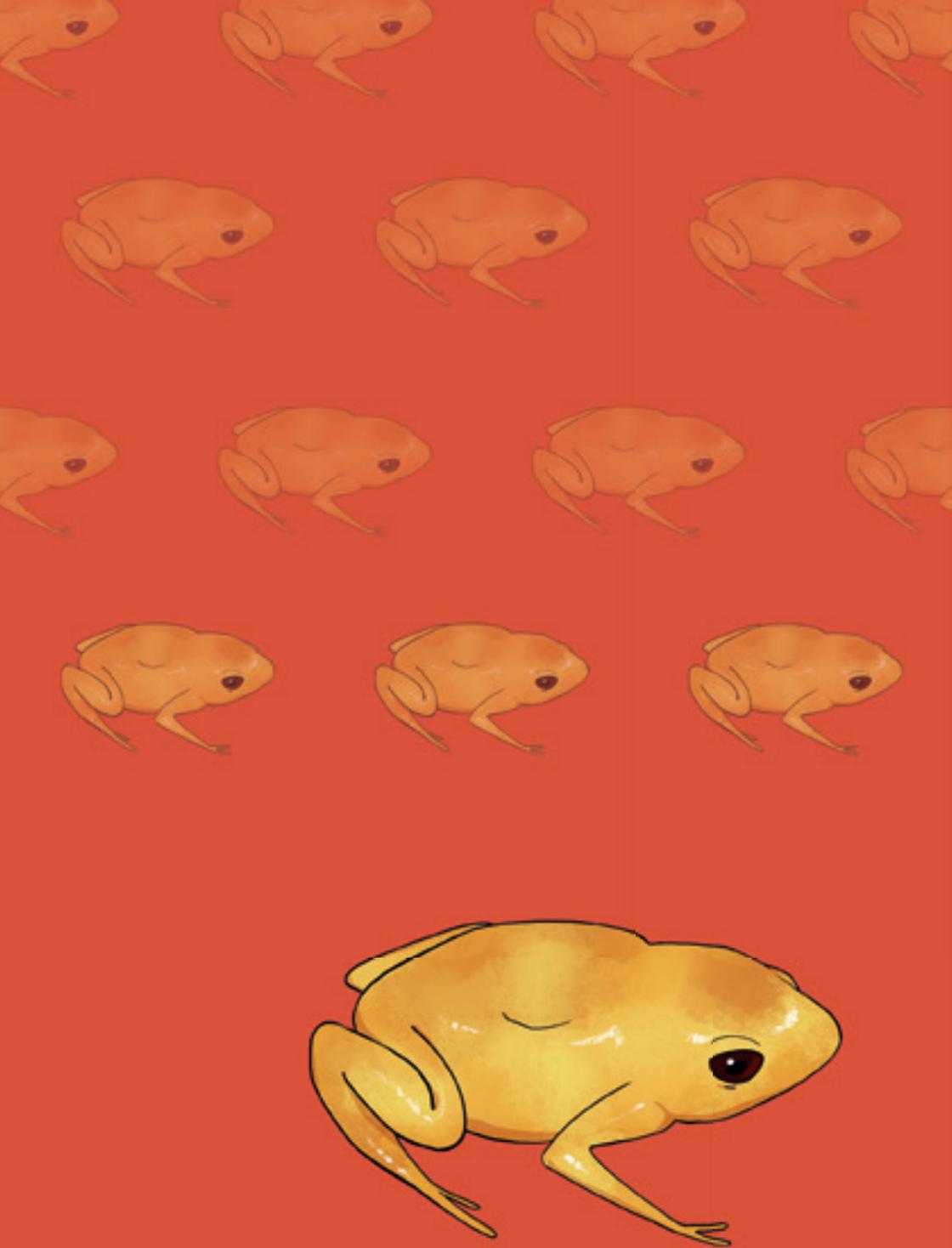
— SAPINHO-PINGO-DE-OURO —

Sabe por que me chamam assim? Porque sou amarelo-dourado, e este é meu segredo. Minha pele produz uma toxina que uso para desencorajar meus predadores: minha tática. É essa toxina que me faz ficar amarelo-dourado.

Tenho outras características que chamam a atenção. Por exemplo, sou minúsculo, tenho quase um centímetro, ou seja, sou menor do que uma moeda de um real. Também não pulo como outros sapos. Eu gosto de caminhar no chão e entre as folhas, à noite e pela manhã, quando fico tomando sol, principalmente depois das fortes chuvas de verão. Meus filhos já nascem sapinhos, ou seja, não nascem na forma de larvas ou girinos, como outros sapos. Também tenho um nome científico bem diferente: *Brachycephalus margaritatus*.

Dizem que sou anfíbio porque posso viver tanto na terra como na água. Sabe onde você me acha? Nas florestas mais altas e úmidas da Mata Atlântica. Segundo os ambientalistas, se habito uma região, quer dizer que, nela, o ambiente é saudável.

Ainda não corro risco de desaparecer. Não enquanto forem preservadas as matas úmidas. Mas, se as florestas não forem preservadas...





RATINHO-GOYTACÁ

Meu nome científico, *Cerradomys goytaca*, é uma homenagem aos goytacazes, índios que habitavam a região litorânea do Norte Fluminense. Eu só existo neste lugar, por isso sou considerado endêmico desta região.

Sou castanho e tenho uma cauda grande, maior do que meu corpo. De dia, eu fico quietinho no meu ninho, no meio das bromélias e dos galhos da Clusia, uma árvore comum do lugar onde vivo. Mas à noite, eu saio pra jantar os coquinhos de guriri ou juruba, uma palmeirinha que deu nome ao Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. Sou um dos maiores consumidores e dispersores desses coquinhos.

Pra quem não sabe, dispersor é o animal que se alimenta de frutos e não quebra ou estraga as sementes. Depois que como, as sementes saem no meu cocô e se espalham. Chamam isso de interação ecológica: o animal se beneficia com o alimento e a planta se beneficia com a dispersão de suas sementes

No final das contas, todos saem ganhando.

LAGARTO-DA-RESTINGA

Eu adoro uma praia. Porque vivo à beira-mar, no litoral, me chamam de *Glaucomastix littoralis*. Mas pode me chamar de lagarto-da-restinga. Eu também gosto de ser chamado assim.

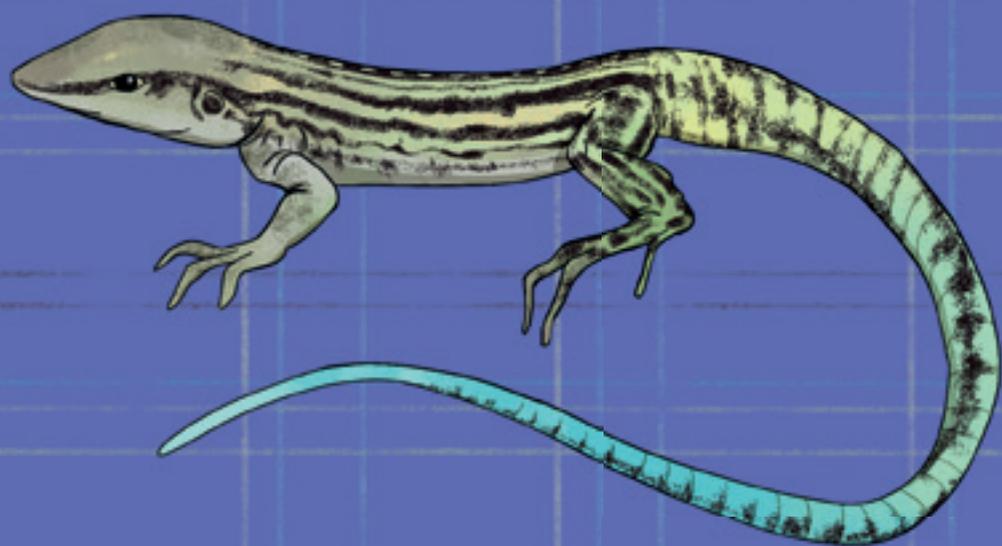
Sabe aquela área de areia com vegetação típica à beira-mar? É a restinga. É lá, no meio dos arbustos e da areia, que eu faço a minha morada. Mais especificamente, no trecho que vai de Jurubatiba, Macaé, até Maricá. Só vivo lá, em nenhum outro lugar do planeta.

Tenho cerca de 65 cm de comprimento, sem contar a cauda, e gosto de almoçar cupins, besouros e larvas de insetos (em especial, de besouros, borboletas e mariposas). Nas horas mais quentes do dia, eu gosto mesmo é de me enterrar na areia e esperar, quietinho, o tempo refrescar.

As restingas, e nós que vivemos lá, somos extremamente frágeis. Nosso espaço é muito cobiçado. Qualquer tipo de ação humana, como a construção de casas de luxo e de favelas, lixo, a retirada de areia para a construção civil e o turismo desordenado, causa um grande impacto no nosso hábitat.

Nem me conhecem direito, mas já sou considerado uma espécie ameaçada de extinção. Posso desaparecer e, comigo, outras espécies também.

Você pode me ajudar?





— FORMIGUEIRO-DE-CABEÇA-NEGRA —

Sou um pássaro sim! Não sei porque me deram esse nome. Afinal, não me alimento apenas de formigas. Gosto também de larvas e mariposas. Mas tenho a cabeça negra mesmo.

Meu nome científico, *Formicivora erythronotos*, vem do latim e significa “papa formiga com as costas vermelhas” ou “devorador de formigas com as costas vermelhas”. Evito as matas densas, prefiro as matas de restinga da Mata Atlântica.

Sou tão raro que os pesquisadores ainda não me conhecem muito bem. Se você quiser me ver pessoalmente, ande depressa, porque estou ameaçado de extinção. Meu maior inimigo é o desmatamento das áreas onde habito.

MICO-LEÃO-DOURADO

Os índios tupis-guaranis me chamavam de sauí-piranga porque tenho o pelo avermelhado e brilhante. Peso 600 g e tenho cerca de 55 cm, além de uma longa cauda. Gosto de ficar no oco das árvores ou em bromélias. Ali, eu me liro de predadores e da chuva.

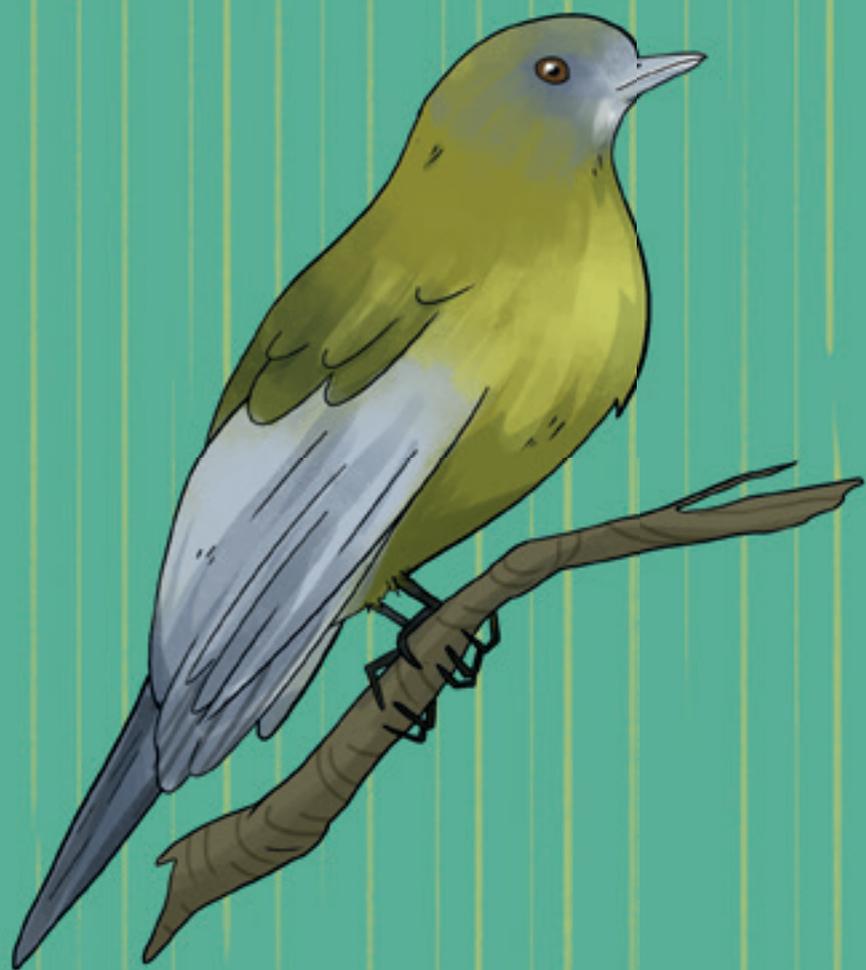
O desmatamento e o tráfico de amigos meus reduziram bastante as florestas, e nossa espécie quase foi extinta. Para nos salvar, foi feita uma campanha internacional, e nos tornamos conhecidos como símbolos da luta pela preservação. Somos tão notáveis que fomos homenageados nas notas de 20 reais.

Como bom macaco, gosto de pular de galho em galho nas florestas do estado do Rio de Janeiro. Mas, se antes eu vivia nas matas das florestas de toda a baixada litorânea, hoje vivo apenas em alguns pedaços de mata, principalmente em reservas estaduais do Rio de Janeiro. Por isso, sou considerado endêmico da Mata Atlântica fluminense.

Não se esqueçam nunca do *Leontopitecus rosalia*. Continuem lutando por mim!

Querem saber mais? Vejam em bit.ly/35CwcPE





SAUDADE-DE-ASA-CINZA

Tenho um nome tão poético! E também sou um pássaro bem especial pois não existo em qualquer lugar. Sou encontrado apenas nas regiões montanhosas da Serra dos Órgãos, ou seja, só vivo no estado do Rio de Janeiro, e em nenhum outro lugar do planeta.

Sou também muito raro, e costumo ser mais ouvido do que visto. O meu canto é um assobio longo e melancólico, mas quem gosta de um clima de montanha certamente sente saudade de me ouvir.

Vivo nas florestas nebulares, também chamadas matas de neblina, montanhas de difícil acesso e sempre cobertas de névoa. É um ambiente específico e restrito. Daí meu nome científico: *Lipaugus conditus*, que vem do grego e significa "(pássaro) escuro que se esconde" ou "(pássaro) escuro (que fica) escondido".

Tenho mais de 20 cm, minhas penas são verde-oliva e minhas asas são cinzentas. Mas o melhor é o meu canto, bem agudo.

Algumas coisas ameaçam a minha existência, como incêndios provocados pelo homem e a mudança do clima em regiões montanhosas. Por isso, corro o risco de desaparecer.

Alguém já me viu ou ouviu por aí?



PEIXE-DAS-NUVENS

Minha história é bem interessante. Há quem diga que caio do céu, junto com a chuva. Por isso me chamam de peixe-das-nuvens.



Na realidade, meus ovos passam meses enterrados no solo. Só quando chove eu quebro a casca e deixo o fundo da terra, nadando de costas e abrindo caminho na lama com a minha cauda. Eu gosto de morar nas poças d'água paradas e rasas que se formam apenas em época de chuvas. Temos pouca necessidade de oxigênio, o que deixa os pesquisadores bem intrigados. Gosto de comer larvas de mosquito, inclusive as do mosquito da dengue, o tal *Aedes aegypti*.

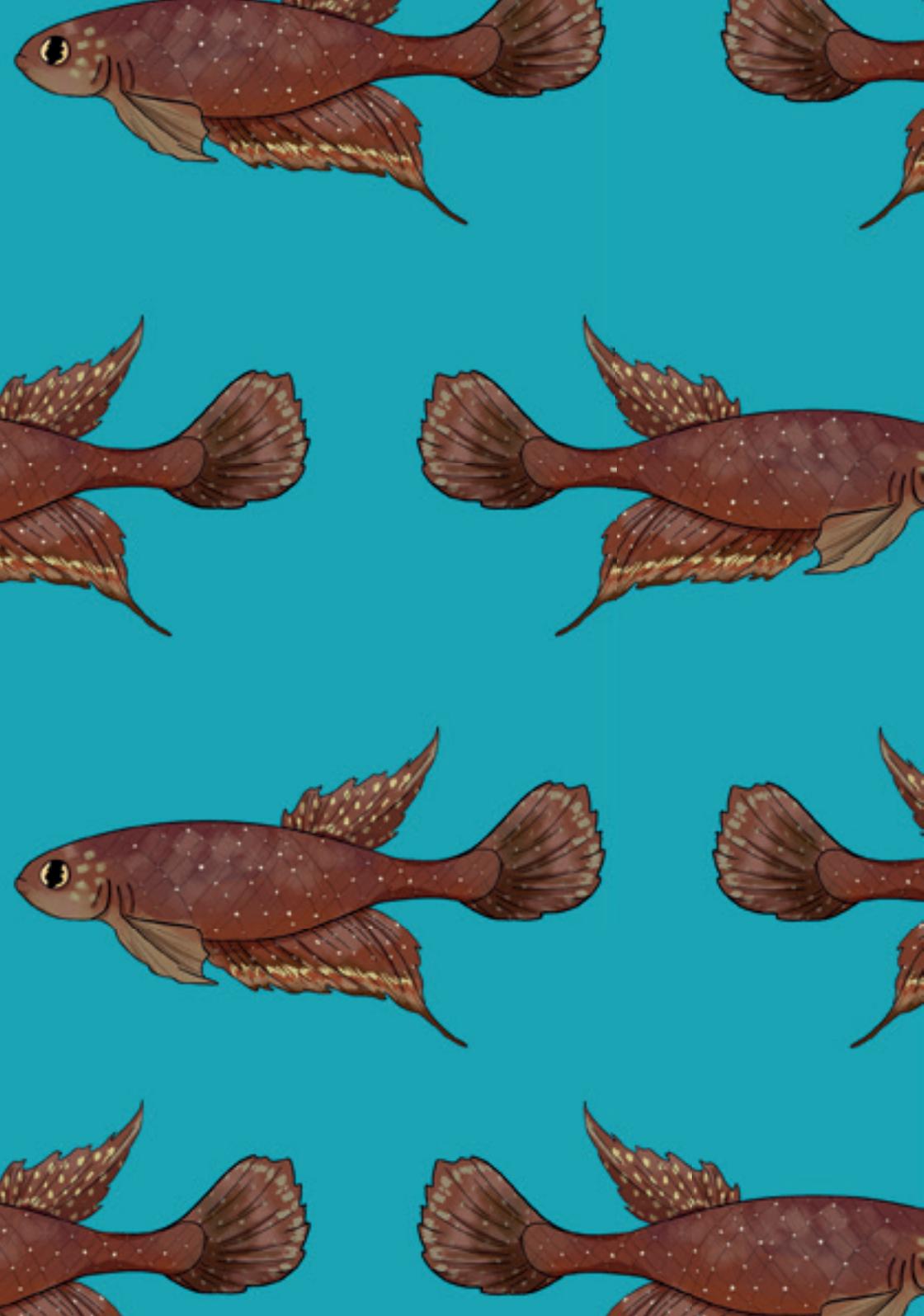


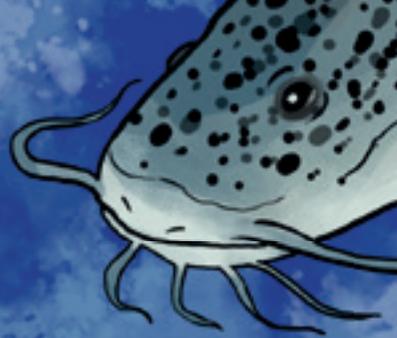
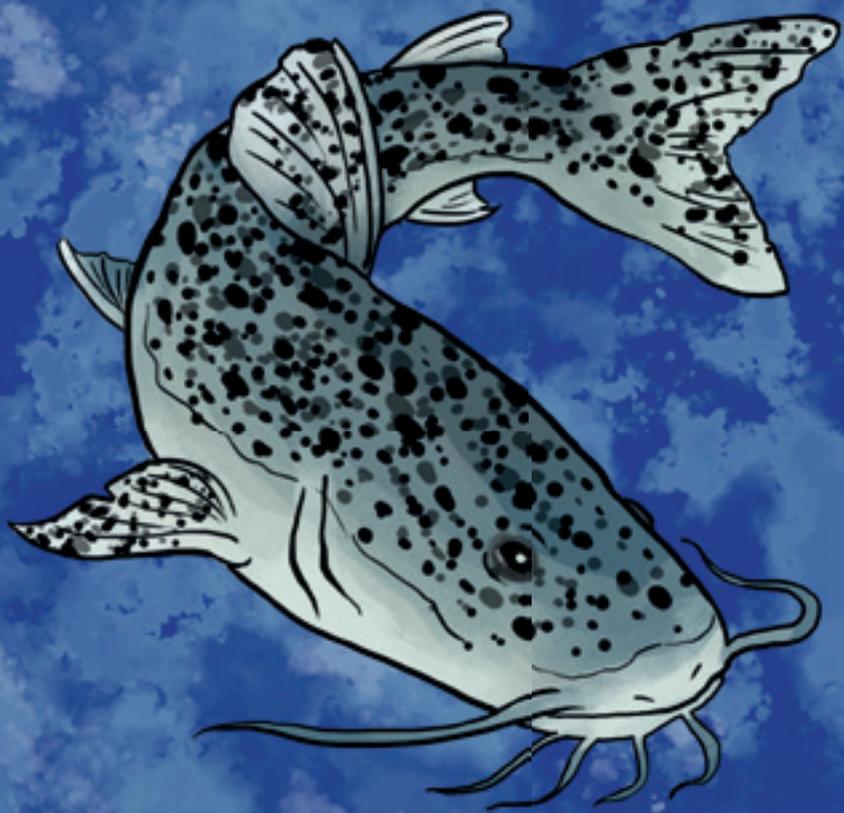
Também dizem que sou bonito, colorido e bem pequeno – tenho menos de 7 cm. Minha vida é curta, pois só sobrevivo três meses na natureza. Por isso, tenho que crescer rapidamente pra colocar muitos ovos, que só eclodirão na próxima chuva.

Por não conhecer os terrenos alagadiços onde vivemos, as pessoas acabam construindo casas nessas áreas, destruindo o nosso habitat.

Ah, meu nome científico é *Nematolebias whitei*!









SURUBIM-DO-PARAÍBA

Meu nome de batismo é quase impossível de falar: *Steindachneridion parahybae*. Você consegue pronunciar? Com esse nome, só podia ser uma espécie nobre do Rio Paraíba do Sul!

Nos lados da boca, tenho antenas como os bigodes de um gato. Chamadas de barbilhões, elas servem para eu detectar as vibrações e me ajudam a localizar os peixes e crustáceos que gosto de comer. Por causa disso, falam que sou um bagre. Mas sou um peixe-bagre bem grande, pois posso atingir 60 cm de comprimento. O peso? Não vou dizer! Também tenho muitas pintas. Considero esse o meu charme.

Gosto de viver nos rios, em poças d'água bem grandes, sem muita perturbação. Vou te contar um segredo: sou muito preguiçoso. Por isso sou fácil de ser pescado.

Eu e meus irmãos já fomos muitos, vivíamos felizes nas águas dos rios da Bacia do Paraíba do Sul. Vem daí o meu sobrenome, 'parahybae'. Devido à pesca sem controle e, principalmente, à poluição dos rios, hoje estamos ameaçados de extinção. Posso desaparecer completamente se nada for feito.



BORBOLETA-DA-PRAIA

Sou bela, sou fluminense, e adoro praia, mas só aquelas que não são muito frequentadas. Como as restingas do estado do Rio de Janeiro, entre o litoral de Campos e o de Mangaratiba. Sou endêmica dessa região, isto é, não existo em nenhum outro local do planeta. Viram como sou especial!?

Tenho asas negras com uma faixa branca e uma mancha vermelha e uma bonita cauda parecida com a cauda de uma andorinha. Tem gente que me conhece por isso. Ou pelo meu nome científico: *Parides ascanius*.

Como a lua, tenho várias fases. Quando ainda sou lagarta, me alimento apenas de uma planta que contém substâncias tóxicas. Depois que viro borboleta, eu só gosto do néctar da flor de cambará. Mas sabe aquelas folhas tóxicas que eu comia quando lagarta? A substância me torna impalatável, ou seja, ninguém quer me almoçar porque tenho gosto desagradável. Isso me livra de muitos predadores.

Mas vou contar uma coisa nada legal para vocês: infelizmente, eu fui a primeira espécie de inseto a entrar na lista de espécies ameaçadas de extinção no Brasil. Sabiam disso?





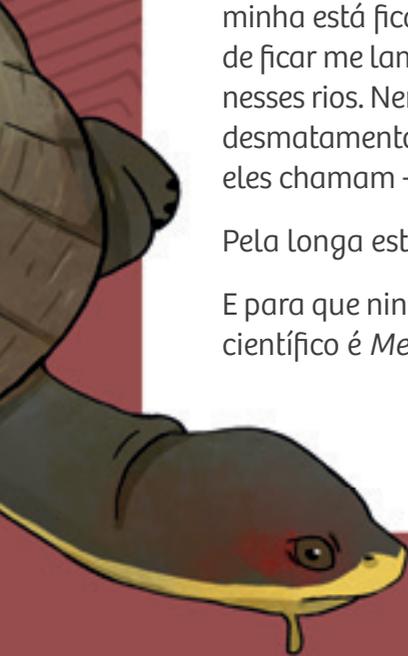
CÁGADO-DO-PARAÍBA

Eu ando devagar mesmo. Pra que pressa? Até porque levo minha casa pra onde eu for. Dizem que ela se chama carapaça. Por causa dela, sou considerado um quelônio, grupo de répteis que também inclui tartarugas e jabutis. Aliás, sou o único cágado ameaçado de extinção do Brasil. Não tenho orgulho disso.

Não vivo só, tenho muitos amigos, cágados como eu. E sou muito colorido quando estou na natureza. O que mais gosto de fazer é me refrescar nas águas dos rios da Bacia do Rio Paraíba do Sul. Cantam que cada um de nós compõe a sua história, né?! A minha está ficando cada vez mais difícil. Não gosto de ficar me lamentando, mas venho sofrendo muito nesses rios. Nem sei se vou sobreviver à poluição, ao desmatamento, ao intenso e desordenado – do que eles chamam - desenvolvimento econômico.

Pela longa estrada eu vou, devagarinho.

E para que ninguém se esqueça de mim, meu nome científico é *Mesoclemmys hogei*.





Visite o ECOS

Lagoa Rodrigo de Freitas
(ao lado do Parque dos Patins)

Aberto aos Sábados e Domingos,
das 9h às 16h

Conheça outras publicações em
[inea.rj.gov.br/publicacoes/
publicacoes-inea/](http://inea.rj.gov.br/publicacoes/publicacoes-inea/)

